

PERÍODOS DA ANTROPOLOGIA 2

AULA 06 – ANTROPOLOGIA

PR JÚNIOR MARTINS

Fonte: QUEIROZ, Pedro Fernandes de; SOBREIRA, Antonio Gonçalves. *Antropologia Geral*. Sobral: Inta, 2016. 88 p.

Períodos da Antropologia

Como toda ciência, não existe uma data específica para o nascimento da Antropologia. Seu nascimento se dá sempre por um processo lento que implica em criação, acumulação e reformulação de conhecimento.

Período de formação

Este período começa com a própria cultura da humanidade. Diz respeito com toda reflexão do homem sobre si e sobre o universo que o cerca. A preocupação com a origem, a realidade e o destino do Homem sempre esteve presente em todos os povos e sociedades, das mais primitivas às mais modernas. Como afirma Mercier apud Mello (1982, p.180):

[...] o fato importante é que toda sociedade, tendo ou não atingido a fase científica, construiu uma Antropologia a seu jeito: toda organização social, toda cultura tem sido interpretada pelos homens que dela participa; e mais, as próprias noções de organização social e de cultura podem, elas mesmas, ser objeto de reflexão. Sob este ponto de vista a pré-história da Antropologia é longa, tão longa quanto a história da humanidade. Esta Antropologia espontânea não pode ser separada do conjunto de interpretações que o homem elabora a respeito de sua própria condição e está em geral ligada a uma cosmologia. Uma ou outra figuram como temas de estudos da Antropologia científica e certas escolas de pesquisa dão uma importância especial a este aspecto da realidade sociocultural. (MERCIER apud MELLO, 1982, p.180)

Período de convergência

Mercier (1982), considera esse período como o período de construção. Ele considera que existe uma unidade em torno do conceito de evolução, desde o segundo quartel do século XIX. Até o limiar do século XX. Este conceito de evolução, entre

1830 e 1840, está sempre presente, animando as pesquisas e reflexões nos domínios mais diversos como a Biologia, Sociologia e Filosofia, o que dará a Antropologia o seu primeiro impulso e ao período que se estende até quase o final do século sua unidade. Alguns autores ignorarão ou recusarão o evolucionismo, deste modo surgirão temas menores que só tomarão amplitude no século seguinte, mas a maioria o reenviada.

Robert Harry Lowie (1946), deu-lhe um lugar de destaque entre os pais da Antropologia. Pode-se situar o final deste período por volta de 1896, quando foi apresentada a comunicação de Franz Boas (1896), intitulada *The Limitations of Comparative Method in Anthropology* (Limitações do método comparativo na Antropologia). É a primeira contestação vigorosa aos métodos utilizados até então, pela quase totalidade dos antropólogos, estreitamente ligados às teses evolucionistas; é acompanhada de uma tentativa de definição de métodos mais realistas e seguros para a abordagem do estudo dos fatos socioculturais.

A razão do título deste segundo período – de convergências – está no fenômeno que teve início no terceiro decênio do século XIX. Na verdade, Barbachano, é quem levanta a questão no seguinte enunciado: as variadas formulações sobre a sociedade e a cultura surgida na Europa, nos séculos XVIII e XIX, convergem para três objetivos comuns ou seja: a origem, a idade e a mudança.

Outro fato marcante desse período foi o surgimento de várias revisas e numerosas associações científicas. Neste período foram fundadas, entre outras, as seguintes associações científicas: *Société d'Ethnologie* (1839) e *Société d'Anthropologie* (1859). Tais sociedades e outras similares podem ser chamadas de científico-humanitárias se considerarmos que o motivo de sua criação e até os recursos para a sua manutenção estavam ligados a um sentimento de humanitarismo com relação aos povos ditos “primitivos” até então espoliados pelas nações europeias. Houve uma preocupação, senão de todo explícita, ao menos implícita, de proteger os povos primitivos da sanha imperialista que até então tinham sido vítimas.

Desde essa época, o antropólogo de campo passou a ser visto como um amigo dos povos primitivos. Em tais sociedades discutem-se a necessidade de proteger a cultura nativa. Desconfiamos que essa preocupação que até hoje perdura não era tanto em face dos direitos dos nativos, mas, em parte, refletia o medo de extinção daqueles

povos ameaçando a própria Antropologia. Afinal, a primitividade e a cultura desses povos, eram como de um vídeo-teipe da própria evolução humana. Ali estava o Homem como vivera nos estágios inferiores da evolução. Nomes de realce deste período são muitos: Darwin, Tylor, Herbert Spencer, Conter, Paul Broca e muitos outros.

Período da Construção

As associações e sociedades de Antropologia surgem em toda parte. O que distingue este período do anterior é o fato de em 1869, haver aparecido a obra clássica sobre evolução biológica, A origem das espécies, de Charles Darwin. Nesse período é que o evolucionismo alcança seu apogeu como teoria. Convém notar que é aí onde nasce a moderna Antropologia. Seu fundador, Edward Tylor, é evolucionista e seus seguidores também. Essa orientação teórica marca todo restante do século e ainda consegue tomar um certo alento no segundo quartel do século XX, com nomes expressivos, como Gordon Childe e Leslie White. Tylor inaugura esta fase com a publicação da obra em 1871, Cultura primitiva. Nesta Tylor procura com a utilização do método comparativo, mostrar a evolução pela qual passou a religião através dos tempos. Outra obra marcante foi a do norte americano Lewis Morgan, A sociedade Primitiva. Este procurou estabelecer o caminho seguido pela organização familiar através dos vários estágios de desenvolvimento.

Edwart Tylor é o nome mais importante da Antropologia Cultural desse período. Foi ele quem definiu o termo cultura e a apresentou-a como objeto da Antropologia, dando-lhe uma sistematização tanto no seu objeto como no seu método: Lewis Morgan, também merece seu realce. É dele o clássico esquema da evolução cultural (selvageria, barbárie e civilização); igualmente importante é o nome de James George Frazer, que também se dedicou ao estudo do fenômeno religioso.

Período da crítica

O período da crítica tem início em 1900, e se arrasta até hoje. É, sem dúvida, o período mais fecundo da Antropologia. Os cânones iniciais da Antropologia foram criticados. Novas abordagens foram propostas. Houve um avanço formidável também nas ciências paralelas. Os meios de comunicação progrediram gradativamente permitindo, assim, uma divulgação e comunicação de ideias mais eficientes. A educação

foi mais democratizada. O movimento universitário cresceu. A Antropologia passou a ser disciplina obrigatória em muitas universidades. Em 1908, a Universidade de Liverpool introduz a primeira cátedra de Antropologia Social na Grã-Bretanha.

A preocupação com o desaparecimento dos povos primitivos levou uma parcela de estudiosos a se empenhar numa tarefa, aparentemente de menor importância, de coletar e registrar dados sem uma maior preocupação teórica. Este trabalho é conhecido como etnografia – a descrição dos costumes dos povos. Sabe-se, no en- Antropologia Geral 51 tanto que, dificilmente o trabalho etnográfico pode ficar despido de uma conotação teórica. No momento em que se passa a registrar os elementos da cultura, mister se faz uma sistematização. Exigindo uma compreensão do fenômeno cultural, uma teoria a respeito da cultura. Este trabalho foi realizado brilhantemente pela escola americana e teve como nome inspirador Franz Boas apud Mello, 1982, p. 195.

Outra orientação estimulante na Antropologia foi a de orientação psicológica que encontrou nos Estados Unidos, seu campo mais fértil. Alguns antropólogos também dedicaram parte de seus esforços ao estudo da linguística. Ainda com respeito aos estudos antropológicos nos EUA. É de salientar o caráter de estudo e pesquisa de campo. Isso não significa que na Europa não tenha havido. Na Inglaterra, por exemplo, o trabalho de campo encontrou em Malinwsky um grande expoente. Foi certamente o maior e o mais metódico pesquisador de campo. Formou muitos discípulos na difícil tarefa da pesquisa de campo. Curiosos por observar e na Inglaterra, foi muito comum a prática de estudos ou trabalho de campo servirem para a iniciação dos novos antropólogos. Uma pesquisa de campo era o coroamento da formação do antropólogo.

Desse período também, observamos a evolução da escola funcionalista de Malinwsky. O funcionalismo da escola de Malinwsky não é igual ao que existia até então na Sociologia. Ele apresenta uma nova visão, alvo de críticas, mas é inegável ter aberto uma nova orientação nos estudos antropológicos.

A Inglaterra, também, nos deu outro nome que muito se aproximava do francês Émile Durkheim; trata-se do funcionalismo de Radcliffe-Brown. Este falava de estrutura social e seria o criador do estruturalismo inglês que se aproxima do estruturalismo francês de Lévi-Strauss. A França aparece neste período com uma superescola de Antropologia, e seu maior nome é Lévi-Strauss, nem tanto por sua validade e originalidade, mas principalmente por suas ambições de abrangência teórica

e amplitude de seu objeto de estudo. Essa escola traz a marca francesa - teoria bem elaborada, mas assaz deficiente no que diz respeito aos métodos e às técnicas de pesquisa de campo.

Em suma, esse período e o atual momento dos estudos antropológicos, se encontram em completa ebulição. Muitas frentes de estudos se abrem. A crítica ainda é a sua marca dominante.

Os países de Terceiro Mundo são um campo a ser explorado por essas nações e será uma espécie de reflexão sobre suas próprias culturas, ensejando um reflorescimento dos estudos de aculturação, ou seja, um estudo dos efeitos da aculturação secular por elas sofrida. Isso nos leva a um estudo da difusão em ritmo de meios de 52 Antropologia Geral comunicação sofisticados. Dando início a um novo campo para a Antropologia: os estudos urbanos antropológicos ou seja os estudos a respeito da cultura popular, do folclore e dos efeitos da urbanização patógena sobre as manifestações dessa cultura. Como extensão desses estudos estará também o estudo da cultura de massa.